

PESQUISA/INICIAÇÃO CIENTÍFICA - PESQUISA/ INICIAÇÃO CIENTÍFICA

**PRÁTICAS MUSICAIS E O CISSEXISMO: OBSERVANDO A
IDENTIFICAÇÃO DE GÊNERO PELA VOZ**

Paulo Ribeiro (potaviordelgado@gmail.com)

Marcos Chaves (marcoschaves@ufgd.edu.br)

Ao observarmos o método de classificação vocal, no campo das artes musicais, utilizado na atualidade, podemos perceber que, muitas vezes, ele perpetua estereótipos e normas rígidas sobre como as vozes devem ser associadas ao gênero de uma pessoa, facilitando a disseminação de conceitos cissexistas que são alimentados por uma divisão de gênero binária e não inclusiva. Não é difícil encontrar, na literatura musical, uma classificação binária das vozes, sendo as femininas separadas por soprano, mezzo-soprano e contralto, e as masculinas em tenor, barítono e baixo. Quando baseamos as classificações vocais puramente em “masculina” e “femininas” excluímos várias outras experiências de identidade de gênero que não se adequam ao padrão binário difundido pela sociedade, como pessoas trans e travestis, pessoas sem conformidade de gênero ou identidade queer e, principalmente, pessoas não binárias. Na contemporaneidade, onde temos distintos entendimentos a respeito das identidades de gênero e lutamos contra silenciamentos de perspectivas não cisgêneras, como ampliar – ao estudar Teatro Musical ou as Artes da Cena – as classificações vocais de maneira a não pactuar unicamente com a cisnormatividade? Dar voz a causa de uma classificação mais inclusiva reflete diretamente na arte performática como um todo. Perceber a diversidade e a capacidade artística a partir da presença de pessoas plurais na prática

cultural é dar espaço a uma sociedade marginalizada e excluída, segundo Bárbara Biscaro. Nossos objetivos partem de compreender a classificação vocal no Teatro Musical em abordagens plurais, e a praticar exercícios vocais que possibilitem analisar e problematizar a classificação vocal binária. Acreditamos que a classificação vocal, na área da música, precise diluir imaginários cissexistas, mas como? Possivelmente, o enfoque apenas na tessitura vocal sem nomenclaturas rígidas, ou seja, no alcance das notas graves e agudas de cada pessoa, corresponda melhor a uma designação. Relacionamos teoria e prática a partir de observação no workshop “Cantando por aí: Introdução ao Canto Coral”, ministrado por nosso projeto de pesquisa, que aconteceu no presente ano no Sucata Cultural na cidade de Dourados, na tentativa de diluir divisões sexistas na classificação vocal em uma prática cantada musical a mais de duas vozes, sem usar as nomenclaturas padrões e deixando as pessoas participantes livres às linhas melódicas que se mostravam acessíveis a seus corpos – além de incentivar a experimentação a todas as possibilidades de canto presentes. O workshop contemplou pesquisa-ação, que foi somado à bibliografia de nosso plano de ensino. Os resultados nos mostraram pessoas praticantes, com interesse em teatro musical, que valorizaram os exercícios de canto focados na tessitura vocal e não na classificação vocal binária. As leituras nos mostram que ainda há muito a andar para diluir questões cissexistas no campo da música, mas existem ações contemporâneas que, passo a passo, andam à emancipação da binariedade como única opção nos estudos de canto. Agradecemos à Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) e ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pelo fomento à pesquisa; bem como ao Sucata Cultural ao espaço destinado ao workshop de experimentação de nossos estudos.

Palavras-chave: classificação vocal; voz; música.